



# OS FRASEOLOGISMOS PARA PÃO FRANCÊS NA REGIÃO SUL DO BRASIL<sup>1</sup>

## THE PHRASEOLOGISMS FOR “FRENCH BREAD” ON SOUTHERN PART OF BRAZIL

Vanessa Yida<sup>2</sup>

Fabiane Cristina Altino<sup>3</sup>

*Universidade Estadual de Londrina – UEL*

**Resumo:** Este trabalho, inserido no quadro teórico dos estudos fraseológicos de vertente francesa e da Geolinguística, apresenta os registros de fraseologismos nos dados dos Projeto Atlas Linguístico do Brasil (ALiB) para a questão 186 do Questionário Semântico Lexical (QSL), que busca variantes para “pão francês”. Desse modo, pretendemos descrever as unidades fraseológicas coletadas a partir da pesquisa geolinguística, mapeando e analisando essas formas linguísticas registradas por 176 informantes com ensino fundamental, em entrevistas orais coletadas pelas equipes do projeto, em 44 localidades situadas na Região Sul do Brasil. Dessa maneira, pretendemos documentar e analisar a riqueza linguística e cultural transparecida por meio desses registros.

**Palavras-Chave:** Fraseologismos; Projeto Atlas Linguístico do Brasil; Pão Francês.

---

<sup>1</sup> Esta pesquisa vincula-se ao Projeto VALEXTRA (*Variação lexical: teorias, recursos e aplicações*): do condicionamento lexical às constrições pragmáticas, objeto do convênio CAPES/COFECUB 838/15, celebrado entre a Universidade Federal da Bahia (UFBA), a Universidade Federal do Pará (UFPA), a Universidade Federal do Maranhão (UFMA), a Universidade Federal do Mato Grosso do Sul (UFMS), a Universidade Estadual de Londrina (UEL) e a Universidade Paris 13.

<sup>2</sup> Bolsista CAPES/COFECUB. Contato: vanessayida@yahoo.com.br.

<sup>3</sup> Docente da Universidade Estadual de Londrina. Contato: fabiane\_altino@uol.com.br.

---

**Abstract:** *This work, in the theoretical field of phraseological studies from french stream and from Geolinguistics, presents the phraseologisms in Brazilian Linguistic Atlas Project's (ALiB Project) corpus for the question 186 from Lexical and Semantics questionnaire (QSL), that aims variants for "french bread". In this manner, we intent to describe the phraseological units collected on a geolinguistic research, by mapping and analysing this variants registered for 176 informants with elementary degree of education, in oral interviews collected by the ALiB's Project team, in 44 locations situated in Southern part of Brazil. With that, we mean to document and analyse the linguistic and cultural diversity that emerge from this datas.*

**Keywords:** *Phraseologisms; Brazilian Linguistic Atlas Project; French bread.*

## INTRODUÇÃO

A Fraseologia tem como objeto de estudo as combinações fixas de unidades lexicais complexas. Existe uma profusão de termos para denominar o seu objeto estudo, a saber: frase feita, unidade léxica complexa, fraseologismo, unidade fraseológica, combinação fixa de palavras, sequência ou expressão fixa, locução, dentre outras. Tratam-se de estruturas cristalizadas pelo uso, que partem de duas ou mais unidades simples da língua formando uma unidade complexa de sentido global. A continuidade no uso dessas expressões, transmitidas por várias gerações, transparece o patrimônio cultural e a tradição repassada entre os falantes de uma língua. Conforme destacou Biderman (2001, p. 178), "qualquer sistema léxico é a somatória de toda experiência acumulada de uma sociedade e do acervo de sua cultura através das idades". Os falantes contribuem no processo de reelaboração perpetuando continuamente o léxico.

Em um primeiro momento, segundo notabiliza Gross (1982), as expressões cristalizadas da língua eram consideradas pelos linguistas como anomalias linguísticas, sendo desconsideradas em estudos científicos mais sistematizados. Isso porque, ao ser abordada a fraseologia, é preciso levar em conta a polilexicalidade<sup>4</sup>, trazendo à tona a controversa questão da linguística moderna: a definição de "palavra". Além desse fator, Mejri (2006) levanta outros questionamentos a respeito desse ramo de estudos linguísticos, como a inauguração da terceira articulação do discurso, levando em conta a decodificação do uso das formas linguísticas, focada no nível discursivo da língua.

---

<sup>4</sup> Mejri (2004, s/n) explica o termo polilexical: "[...]signifiant pluriel (= *poly*), formé de plusieurs unités lexicales employées d'une manière autonome hors du cadre de la séquence (= *lexical*)". "[...] signifiante plural (= *poly*), formado de muitas unidades lexicais empregadas de uma maneira autônoma fora do quadro da sequência (= *lexical*)" (tradução nossa).

---

Por outro lado, dentro do panorama da sócio-história da formação do português brasileiro e o amálgama de diferentes culturas, podemos observar um variado rol de denominações para o “pão nosso de cada dia”, majoritariamente conhecido como *pão francês*, como reflexo da diversidade linguística refletida nos usos e costumes à mesa do brasileiro. Dentre essas formas linguísticas, levantadas com base nos dados orais coletados pelas equipes do Projeto Atlas Linguístico do Brasil (ALiB), podemos encontrar algumas unidades fraseológicas para denominar o referente em pauta.

De fato, o ato de se alimentar apresenta um valor simbólico; a seleção do que se come e os hábitos na seleção do alimento provêm de um processo partilhado dentro de uma comunidade cultural (MACIEL, 2001). De mesma monta, o processo de formação histórico-social da Região Sul do Brasil, revela o papel de variadas culturas e etnias no enriquecimento linguístico e amplas formas de expressão, caracterizando-se por uma heterogeneidade linguística (RIBEIRO, 2006).

Isso posto, este trabalho busca discorrer a respeito da noção de fraseologismos, aliando a descrição das unidades fraseológicas à pesquisa geolinguística, ao mapear e descrever essas formas linguísticas para pão francês, coletadas pelas equipes do Projeto ALiB na Região Sul do País. Desse modo, a partir da cartografia linguística das unidades fraseológicas, sua análise estrutural e de suas características, pretendemos documentar a riqueza linguística e cultural transparecida por meio desses registros.

No item a seguir, traçamos algumas notas a respeito da Geolinguística.

## 1 NOTAS SOBRE A GEOLINGUÍSTICA

A Dialetoлогия, enquanto ramo dos estudos linguísticos, tem por objetivo identificar, descrever e situar os usos em que a língua se diversifica, conforme a distribuição diatópica, cronológica e a influência sociocultural (CARDOSO, 2010). Por meio do método da Geolinguística, podem ser recolhidos testemunhos vivos da língua, fotografando particularidades culturais e demográficas de cada região. São preestabelecidos uma rede de pontos de inquérito e o perfil dos informantes de acordo com os objetivos da pesquisa; após a recolha dos dados, são elaboradas as cartas linguísticas. Por meio delas, podem ser intercomparados variantes e diferentes falares inseridos em uma mesma língua.

---

Traçado esse panorama geral, o *Atlas Linguistique de la France* - ALF (1902-1910), é considerado o marco do nascimento da geografia linguística enquanto disciplina autônoma, dado o seu rigor científico (CARDOSO, 2010).

No contexto do português brasileiro, segundo Ferreira e Cardoso (1994), o primeiro trabalho dialetológico a vir à luz foi a contribuição de Domingos de Borges Barros (visconde de Pedra Branca), ao *Atlas Ethnographique du Globe*, de Adrien Balbi (1826), ao arrolar palavras de origem indígena e africana.

Após a fase de publicação de estudos dialetais descrevendo falares brasileiros, foi criada uma proposta oficial para a elaboração de um atlas linguístico do Brasil, com o planejamento da Comissão de Filologia da Casa de Rui Barbosa, em 1952. A partir desse momento, foram publicados atlas linguísticos regionais, cujos esforços, na atualidade, culminaram na criação do Projeto Atlas Linguístico do Brasil e a esperada publicação dos dois volumes do Atlas Linguístico do Brasil (CARDOSO, 2014a; CARDOSO, 2014b), decorridos mais de sessenta anos da fomentação de sua proposta inicial.

No trecho consecutivo, discorreremos sobre os fraseologismos segundo a visão da corrente de estudos francesa.

## 2 OS FRASEOLOGISMOS NA VISÃO DA CORRENTE FRANCESA

As unidades fraseológicas (UFs), sequências linguísticas que constituem o objeto de estudo da Fraseologia, são recursos linguísticos comuns a todas as línguas naturais. Existem duas posições a respeito da classificação da Fraseologia, dentro do domínio dos estudos linguísticos, a saber: i) disciplina autônoma, concepção partilhada notadamente pelos pesquisadores russos, ii) subdisciplina, parte da Lexicologia, concebida segundo a tradição lexicológica nos estudos ocidentais, visão partilhada também por Mejri (1997). Ainda segundo o autor, as UFs são fatos do léxico, por serem formadas por unidades lexicais em forma de blocos, formando paradigmas que devem ser memorizados pelos falantes. Por meio dessas unidades fixas, são postos em cena o individual e o social, em unidades fixas que se ligam ora ao nível da língua (*langue*), ora ao nível da fala (*parole*) saussureanos.

Desse modo, os fraseologismos são estruturas cristalizadas pelo uso da língua e formados por combinações sintagmáticas que, portanto, não podem ser improvisados pelos usuários da língua. Dentre as principais características dessas expressões fixas, arrolam-se: i) a polilexicalidade – são integradas por uma ou mais unidades léxicas; ii) fixidez – existe uma soldadura entre as unidades; iii) os elementos integrantes apresentam uma grande frequência de

---

co-aparição; iv) idiomaticidade – (por exemplo, as expressões idiomáticas); v) são passíveis de variação – nos níveis diatópico, diastrático, diafásico e diageracional. Segundo Sfar (2015) a formação lexical pode dar-se por meio de: i) derivação – é formada uma nova palavra a partir de outra preexistente, pela junção de um morfema derivacional; ii) composição: são criadas novas expressões por meio de justaposição de morfemas livres; e fixação: os sintagmas, anteriormente livres, perdem a liberdade combinatória e assumem uma soldadura sintática e um sentido global.

Ademais, os fraseologismos podem referir-se a fatos históricos, crenças e aspectos culturais de um povo, refletindo a sua cosmovisão. Os aspectos culturais das sequências fixas são discutidos por Mejri (1999). Essa dimensão está enraizada na função memorial das lexias simples e complexas, desvelando crenças comuns. As expressões formam uma estrutura com uma lógica interna natural, transparecendo a visão da comunidade cultural. O aspecto cultural é considerado parte do mecanismo do sistema: com o uso, ele se deposita e cria fixações segundo mecanismos prototípicos: surge da associação entre a linguagem e a identidade.

Em nível sintagmático, as sequências fixas (SFs) obedecem à sintaxe da língua; em nível paradigmático, as palavras podem ser re combinadas conforme o grau de fixidez da expressão como um todo. Conforme Mejri (2016), a sequência é denominada cristalizada se apresenta fixidez total ou parcial de regras da combinatória sintagmática e comutatividade paradigmática. Existe um *continuum* a respeito do grau de fixação das SFs, que parte do mais fixo ao menos fixo.

Nesse sentido, Mejri (2006) propõe uma descrição do léxico segundo a perspectiva de uma nova dicotomia – polilexicalidade x monolexicalidade, somando o termo unilexicalidade e plurilexicalidade para a classificação das unidades lexicais. Nos anos 80, surgiu o conceito da polilexicalidade, com Gertrud Gréciano (1983), posteriormente retomado por Gross (1996), para o tratamento das sequências fixas. O autor comenta que, graças a esse novo conceito, tomou-se consciência da particularidade morfológica sobre o funcionamento sintático das unidades lexicais autônomas constituintes das sequências fixas. A partir disso, surge a dicotomia polilexicalidade/monolexicalidade, ao qual se soma o termo unilexicalidade e, ao final do texto, a plurilexicalidade. O autor define a polilexicalidade como “[...] la caractéristique morphologique propre aux unités lexicales formées de plusieurs

---

unités lexicales et dont les constituants sont, à l'origine, des unités autonomes"<sup>5</sup> (MEJRI, 2006, p. 214). Ou seja, as expressões fixas apresentam como característica morfológica a polilexicalidade, ao serem formadas por duas ou mais unidades lexicais autônomas da língua, detentoras de sentido próprio, cujo sentido, em geral, não resulta da soma dos significados de suas unidades simples anteriores. O sentido deve ser tomado de modo global e, em muitos casos, pode ser metafórico.

Por outro lado, continua o autor, a monolexicalidade é uma característica morfológica das unidades lexicais autônomas simples e das unidades derivadas por afixação e a unilexicalidade trata de uma característica sintático-semântica das unidades lexicais (polilexicais ou monolexicais), de modo que as unidades se integram de modo global como uma só unidade lexical, com sentido e função sintática globais. Caracteriza-se por uma solidariedade entre os seus constituintes, que perdem sua autonomia de funcionamento próprio. A partir desses três conceitos, o estudioso elabora uma definição para palavra: "est considérée comme mot toute unité lexicale répondant aux critères de l'unilexicalité".<sup>6</sup> (MEJRI, 2006, p. 214)

A partir da noção de unilexicalidade, o autor discorre a respeito das unidades plurilexicais. Desse modo, "serait plurilexicale toute unité polylexicale dont l'un des constituants serait susceptible d'un fonctionnement autonome sans que la globalité de l'unité soit remise totalement en question"<sup>7</sup>. (MEJRI, 2006, p. 216)

Ainda, Mejri (2006) discute a respeito da 1ª e 2ª articulação do discurso, reportando-se a Martinet (1980 [1960]) e a dupla articulação do discurso. Os morfemas (1ª articulação) e os fonemas (2ª articulação), sendo os primeiros, unidades mínimas detentoras de sentido, e os últimos, formas mínimas da língua que distinguem os sons. A essas, soma-se uma 3ª articulação, que resulta da apreensão do sentido global da palavra, conferindo unidade à expressão, formando uma nova entidade semântica, como por exemplo em: "água que o passarinho não bebe", integrando uma sequência fixa (SF). Desse modo, na descrição das SFs, salienta ser necessário analisar a dupla articulação semântica

---

<sup>5</sup> "[...] a característica morfológica própria das unidades lexicais formadas por várias unidades lexicais e cujos constituintes são, na sua origem, unidades autônomas." (tradução nossa).

<sup>6</sup> "é considerada como palavra toda unidade lexical que responde aos critérios de unilexicalidade" (tradução nossa).

<sup>7</sup> "seria plurilexical toda unidade polilexical cujo um dos constituintes seria suscetível de um funcionamento autônomo, sem que a globalidade da unidade seja posta totalmente em questão." (tradução nossa).

---

dessas expressões: i) a que se refere à 1ª articulação, os morfemas, no caso: água-que-o-pássaro-inho-não-bebe, e ii) a pertinente à 3ª articulação, sendo tomada a unidade polilexical global: água que o passarinho não bebe. Entretanto, a dupla articulação semântica ocorre, além das sequências polilexicais, com as palavras derivadas. As últimas, são unilexicais (lexias simples), as primeiras, podem vir a ser unilexicais ou plurilexicais. No segundo caso, os morfemas da segunda articulação semântica podem modificar relativamente a autonomia das expressões, com a inserção de elementos dentro da sequência ou por meio da substituição paradigmática e algumas transformações, como a passivação. Nesse sentido, a palavra seria a unidade mínima da 3ª articulação, ao apresentar: i) um morfema, dois ou mais morfemas não autônomos, ii) dois ou mais morfemas autônomos, sendo, no último caso, considerados plurilexicais as sequências com menor grau de fixação.

Quanto ao sentido, Mejri (2004) alerta a respeito do duplicamento semântico da polilexicalidade, que não deve ser confundido com a polissemia, pois as SFs podem ter um sentido literal e um sentido global, enquanto unidade polilexical, sendo transparentes ou opacas. Reportando-se a outro trabalho (Mejri, 2000), conclui ainda que, ao contrário do que ocorre com a polissemia, todas as SFs estruturam-se por meio dessa dualidade, fator que explica os jogos de palavras e sentidos possíveis do senso literal, o que faz da fixação uma fonte de variação lexical.

As sequências fixas apresentam natureza sintagmática e possuem estruturalmente um sentido primeiro, correspondente ao sentido literal, que pode ser deduzido das palavras que as constituem, e um sentido global, atribuído à sequência enquanto unidade polilexical. A polilexicalidade, assim como a polissemia, seguindo um princípio de economia linguística, faz uso dos recursos oferecidos pelo sistema linguístico.

Desse modo, ainda conforme o autor, a fixação seria resultado de uma polissemia inicial cujo emprego impõe uma saturação lexical da combinatória sintagmática, levando à criação de uma sequência polilexical. Mesmo havendo uma flexibilidade paradigmática, ela não é capaz de desfazer a característica de fixação, pois “[...] ce phénomène s’inscrit soit dans la variation locutionnelle, soit dans les moules locutionnels”<sup>8</sup>. (MEJRI, 2004, p. 23)

Outros princípios discutidos por Mejri (2018) para a visão das unidades fraseológicas, são a composicionalidade e a não composicionalidade, a

---

<sup>8</sup> “[...] esse fenômeno se inscreve seja na variação locucional, seja nos moldes locucionais. (tradução nossa).

---

opacidade e a transparência semânticas. A composicionalidade trata do “l’ensemble des règles sémantiques qui régissent la production et l’interprétation des énoncés”<sup>9</sup> (MEJRI, 2018, p. 18); a não composicionalidade, por sua vez, “[...] se définit par l’intervention d’éléments créant une incongruence dans l’enchaînement des unités lexicales: est incongruent tout ce qui rompt la présupposition sémantique mutuelle entre les unités lexicales”<sup>10</sup>. (MEJRI, 2018, p. 19). É criada uma ruptura de sentido. No caso da transparência e opacidade, entra em questão a competência do decodificador e as condições em que são empregadas as expressões.

Isto posto, no item a seguir, traçamos o percurso metodológico para a consecução deste trabalho.

### 3 PERCURSO METODOLÓGICO

Nesta pesquisa, utilizamos os dados coletados pelas equipes do Projeto Atlas Linguístico do Brasil (ALiB), nas localidades situadas na Região Sul do Brasil.

O referido projeto tem por meta a realização de um atlas linguístico geral do País, mapeando e documentando as formas linguísticas em uso no que diz respeito ao português brasileiro. Trata-se de um projeto interinstitucional, fomentado desde 1996, do qual participam, na atualidade, 14 universidades brasileiras<sup>11</sup> sob a responsabilidade de um Comitê Nacional, sediado na Universidade Federal da Bahia.

Dentre as 250 localidades que compõem o *corpus* do ALiB, foram selecionados os 44 pontos de inquérito da Região Sul, analisando as respostas registradas por 176 informantes, em localidades situadas no interior e nas capitais.

Segundo a metodologia do ALiB, foram definidos quatro informantes com ensino fundamental por localidade do interior, contemplando as variáveis extralinguísticas:

---

<sup>9</sup> “conjunto de regras semânticas que regem a produção e interpretação dos enunciados” (tradução nossa).

<sup>10</sup> “[...] se define pela intervenção de elementos criando uma incongruência no encadeamento das unidades lexicais: é incongruente tudo o que rompe a pressuposição semântica mútua entre as unidades lexicais”. (tradução nossa).

<sup>11</sup> Além da Universidade Federal da Bahia, integram o projeto as universidades a seguir: Universidade Federal do Pará, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Universidade Federal do Maranhão, Universidade Estadual de Londrina, Universidade Federal de Santa Catarina, Universidade Federal do Ceará, Universidade Federal do Pará, Universidade Federal de Lavras.

- i) Sexo: dois do sexo feminino e dois do sexo masculino;
- ii) Faixa etária: faixa I (18 a 30 anos) e faixa II (50-65 anos).

A esse perfil de quatro informantes, somam-se mais quatro com escolaridade superior nas capitais, não considerados nesta pesquisa a fim de se evitar o enviesamento dos dados.

Em um primeiro momento, procedemos ao levantamento dos dados e a tabulação das variantes registradas como resposta à questão 186 (que busca variantes para o “pão feito à base de farinha de trigo, sal e água”) do Questionário Semântico Lexical (QSL), que consta dos Questionários do projeto, no campo semântico da *Alimentação e Cozinha* (COMITÊ, 2001). Após, foi realizada a cartografia das variantes, privilegiando as unidades fraseológicas, de forma a elencar as unidades simples enquanto “outras”, na legenda da carta linguística. Por fim, levamos a efeito a análise das unidades fraseológicas registradas pelos falantes e o paradigma de sua estrutura morfológica.

A seguir, apresentamos a análise dos dados.

#### 4 ANÁLISE DAS UNIDADES FRASEOLÓGICAS PARA O “PÃO FEITO À BASE DE FARINHA DE TRIGO, SAL E ÁGUA”

Neste item, procedemos à análise das unidades fraseológicas para o “pão feito à base de farinha de trigo, sal e água, segundo a perspectiva da Geolinguística e a visão da corrente francesa de estudos dos Fraseologismos.

##### 4.1 Análise da distribuição espacial das unidades fraseológicas registradas por meio da pesquisa geolinguística

Neste trecho, apresentamos os dados organizados quantitativamente e a cartografia linguística das unidades fraseológicas recolhidas com base na pesquisa geolinguística. No total, foram registradas nove formas linguísticas enquanto unidades fraseológicas para o referente “pão feito à base de farinha de trigo, sal e água”, obtidas junto aos falantes residentes nos pontos de inquérito do ALiB situados na Região Sul do Brasil.

A seguir, apresentamos as ocorrências de unidades fraseológicas em números absolutos e percentuais:

Variantes	Número de ocorrências	%
Outras	92	43,81%
Pão francês	70	33,33%
Pão d'água	24	11,43%
Pão cacetinho	7	3,33%
Pãozinho francês	5	2,38%
Pão de trigo	4	1,90%
Pão de padeiro	4	1,90%
Pãozinho d'água	2	0,95%
Pão comum	1	0,48%
Pão cacete	1	0,48%
<b>TOTAL</b>	<b>210</b>	

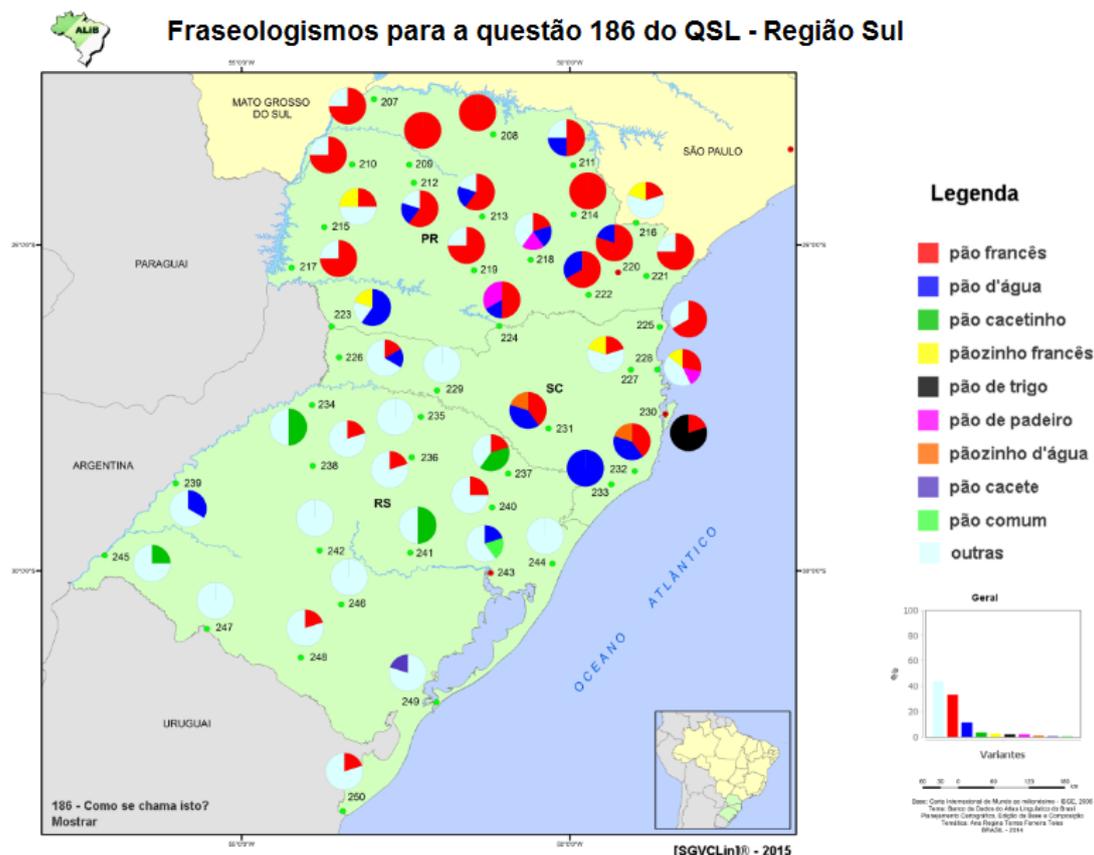
**Quadro 1.** Distribuição quantitativa das ocorrências de unidades fraseológicas para o conceito expresso pela questão 186 do QSL.

Fonte: Base de dados projeto ALiB, elaborado *ad hoc* pelas autoras.

Em um cenário geral, foram registradas 210 ocorrências totais variantes para o referente em pauta, dentre as quais, 92 (43,81%) foram registros de lexias simples. As outras nove formas linguísticas registradas, enquanto unidades fraseológicas, vêm descritas a seguir: *pão francês*, a variante mais produtiva, obteve 70 registros, totalizando 33,33% dos dados. Com 24 registros, ou seja, o índice de 11,43%, segue a forma *pão d'água*; *pão cacetinho* apresentou 7 ocorrências (3,33%); a forma diminutiva *pãozinho francês*, 5 (2,38%); as variantes *pão de trigo* e *pão de padeiro* obtiveram cada uma, 4 registros, alcançando índice de 1,90%; *pãozinho d'água*, 2 registros (0,95%); e *pão comum* e *pão cacete*, um registro cada, integrando 0,48% do total.

A distribuição diatópica das unidades fraseológicas para o conceito buscado por meio da questão 186 pode ser visualizada a seguir:

## Distribuição diatópica das unidades fraseológicas para *pão francês*



**Fig. 1.** Carta com a distribuição diatópica dos fraseologismos para o conceito expresso pela questão 186 do QSL.

Fonte: Base de dados projeto ALiB- carta experimental elaborada *ad hoc* por Vanessa Yida (2018)

A variante mais produtiva *pão francês*, foi registrada majoritariamente no Paraná, em pontos situados no centro-leste de Santa Catarina, e localidades sul-rio-grandenses mais ao norte do estado e em duas mais no extremo sul (pontos 250 - Chuí e 248 – Bagé). A forma *pão d'água* foi registrada principalmente em pontos do centro do Paraná e em Barracão (ponto 223), mais ao extremo sudoeste do Estado, tendo sido eleita como forma hegemônica em Criciúma (ponto 233) e registrada nos pontos 226- São Miguel do Oeste, 231 – Lages e 232 – Tubarão (catarinenses) e também nos pontos 239 – São Borja e 243 - Porto Alegre, sul-rio-grandenses. A variante *pão cacetinho* foi mencionada por falantes residentes no Rio Grande do Sul, nas localidades 234 – Três Passos, 237 – Vacaria, 241 – Santa Cruz do Sul e 245 – Uruguaiana. A forma diminutiva *pãozinho francês* foi obtida em entrevistas realizadas em 215 – Toledo, 216 Adrianópolis e 223 – Barracão, paranaenses, e em pontos mais ao litoral

catarinense, como 227 - Blumenau e 228 – Itajaí. *Pão de trigo* foi registrada por todos os informantes de ensino fundamental entrevistados em Florianópolis; *pão de padreiro* foi mencionada nas localidades 218 – Imbituva (paranaense) e 224 - Porto da União e 228 – Itajaí (catarinense); a forma *pãozinho d'água* foi obtida nos pontos catarinenses 231 Lages e 232 – Tubarão. *Pão cacete* foi mencionado pela informante do sexo feminino, faixa II, residente em São José do Norte (ponto 249). Por fim, a forma *pão comum* foi registrada por pelo informante do sexo masculino porto-alegrense. Como *outras* foram categorizadas as lexias simples.

No próximo item, passamos à análise estrutural das unidades fraseológicas coletadas na pesquisa.

#### 4.2 Análise das unidades fraseológicas registradas na pesquisa geolinguística

As variantes registradas na pesquisa geolinguística, focadas neste momento, enquanto unidades fraseológicas, seguem o molde a seguir:

<i>Pão</i> (substantivo)	<i>francês</i> (adjetivo)
	<i>comum</i> (adjetivo)
	<i>d'água</i> (preposição + substantivo)
	<i>de trigo</i> (preposição + substantivo)
	<i>de padreiro</i> (preposição + substantivo)
	<i>cacetinho</i> (substantivo - diminutivo)
	<i>cacete</i> (substantivo)
<i>Pãozinho</i> (nome – diminutivo)	<i>francês</i> (adjetivo)
	<i>d'água</i> (preposição + substantivo)

Em suma, um panorama geral, a estrutura das unidades fraseológicas recolhidas segue os paradigmas:

- 
- i) substantivo (*pão* ou *pãozinho*) + adjetivo (*francês, comum*);
  - ii) substantivo (*pão* ou *pãozinho*) + preposição DE + substantivo (*d'água, de trigo, de padeiro*);
  - iii) substantivo (*pão*) + substantivo + morfema -INHO -diminutivo (*cacetinho*);
  - iv) substantivo (*pão*) + substantivo (*cacete*);

Nesse sentido, as estruturas das unidades fraseológicas obtidas atendem à composicionalidade, tendo em vista que se encadeiam as unidades implicadas, sem que seja rompida a pressuposição semântica das expressões como um todo: *pão* (ou *pãozinho*) *francês*, *pão comum*, *pão* (ou *pãozinho*) *d'água*, *pão de trigo*, *pão de padeiro*, *pão cacetinho* e *pão cacete* são formas linguísticas passíveis de serem interpretadas como um todo pelos falantes do português brasileiro.

Ademais, adaptamos aos nossos dados à análise empreendida por Mejri (2004) a respeito da discussão sobre a formação de novas sequências: em *pão francês*, *pão comum*, *pão d'água*, etc., o substantivo *pão*, em um uso particular, permite a realização de sequências livres. É possível comutar os elementos que se seguem a essa expressão: esse fator liga-se ao grau de fixação das SFs. Dessa maneira, a polilexicalidade contribui na criação de novas sequências fixas, de acordo com um paradigma de possibilidades da língua. *Pão francês* é uma forma aceita eleita pelos falantes, mas não seria, por exemplo, *pão egípcio*, para denominar o mesmo referente. A substituição segue um padrão, a liberdade combinatória dos constituintes passa a ter novo sentido global, assim, os fenômenos da polissemia e polilexicalidade são complementares na geração dessas expressões.

Ao analisarmos as unidades fraseológicas ora obtidas, podemos observar um panorama da dupla articulação semântica para *pão francês*. Conforme a primeira articulação do discurso, a unidade fraseológica compõe-se dos morfemas (*pão* + *francês*) e, na concepção da terceira articulação, enquanto unidade polilexical global, a expressão *pão francês* é tomada em seu sentido completo. Na atualidade, o sentido literal da lexia (*pão* mais *francês*) é tido como opaco, tendo em vista que não existem pães na França como o pão francês brasileiro, o que causa estranhamento a alguns. Entretanto, caso seja resgatada a história do surgimento desse alimento, segundo Orenstein (2016) e Lima (2017), no final do século XIX e início do XX, eram mais consumidos os derivados de mandioca e o pão de milho. Com a influência dos imigrantes italianos e o advento da industrialização, passou-se a consumir mais pães. Cogita-se que, no

---

começo do século XX, durante o período da *belle époque*, a elite brasileira viajava para a França e retornava descrevendo um tipo de pão pequeno e com casca dourada, que passou a ser copiado pelos padeiros brasileiros naquele período e passou a denominar-se *pão francês*, ou seja, um pão à moda francesa, no sentido de “segundo os costumes franceses”.

A forma *pão comum*, composta pelos morfemas em uso na língua, *pão* e o adjetivo *comum*, concatenados enquanto uma unidade fraseológica de sentido global, apresenta um sentido mais transparente, de uma forma denominativa mais genérica, tendo em vista que o referente em pauta, esse tipo de pão, é o mais “comum” na alimentação do brasileiro. Segundo Biderman (2001, p. 178), “embora o léxico seja patrimônio da comunidade linguística, na prática, são os usuários da língua - os falantes - aqueles que criam e conservam o vocabulário dessa língua. [...]”. Com isso, os usuários geram a semântica da língua, adaptando-a conforme seus usos e hábitos.

Nos casos de *pãozinho francês*, *pãozinho d’água* e *pão cacetinho*, as realizações seguem o padrão da estrutura de formação do diminutivo em português, descrita em Camara Jr. (2004 [1970]). Os informantes elegeram a unidade fraseológica *pão cacetinho* a *pão cacete*, possivelmente pela interdição linguística em relação ao termo *cacete* (órgão sexual masculino), já discutido em Yida (2011). O uso do diminutivo, debatido em Almeida (2007), dá um tom eufemístico aos tabus de linguagem, configurando-se um tabu de decência, dentro da categorização de Ullmann (1987). Ainda, segundo Lee (1999), o uso do diminutivo é muito produtivo na formação de palavras do português brasileiro.

A respeito das unidades fraseológicas formadas a partir de substantivo (*pão* ou *pãozinho*) + preposição e substantivo (*d’água*, *de trigo*, *de padeiro*), salienta Mejri (2006) que as estruturas formadas por preposição + sintagma nominal são muito produtivas para as SFs na geração de adjetivos. Tendo em vista que o majoritariamente denominado *pão francês* é feito à base de farinha de trigo, sal e água, e são produzidos e vendidos principalmente por “padeiros”, as formas (*pão* + *d’água*, *de trigo*, *de padeiro*) seguem o universo de possibilidades semânticas da língua ao unir um referente específico *pão* às suas especificidades (na receita vão água e trigo e esse alimento é feito por padeiros), sendo formas mais transparentes, somando na construção de unidades fraseológicas, ampliando o leque de denominações para o referente em pauta.

---

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do exposto, concluímos que a Fraseologia é um fenômeno central, pois, saber uma língua significa dominar suas unidades fraseológicas, conforme já expôs Mejri (2018). As unidades fraseológicas são resultado do processo de economia geral do sistema linguístico; desse modo, são encadeadas duas ou mais lexias simples já existentes em uso na língua para se formarem novas.

Em um panorama quantitativo geral, foram obtidas 210 ocorrências totais de variantes para nomear o referente em pauta, somando-se as lexias simples e a unidades fraseológicas. O fraseologismo mais produtivo nesta pesquisa, dentre as nove diferentes formas registradas, foi *pão francês*, seguido por *pão d'água*, *pão cacetinho*, a forma diminutiva *pãozinho francês*, além das variantes *pão de trigo* e *pão de padeiro*, *pãozinho d'água*, *pão comum* e *pão cacete*. Ainda, *pão francês*, segundo a distribuição diatópica verificada na carta linguística obteve maior registro no Paraná, em pontos situados no centro-leste de Santa Catarina, e em localidades sul-rio-grandenses mais ao norte e extremo-sul do estado. *Pão d'água* foi registrada notadamente em pontos centrais paranenses e em Barracão, mais ao extremo sudoeste do Estado e registrada em outros pontos catarinenses a centro, leste e oeste do estado, e também em algumas localidades sul-rio-grandenses. A variante *pão cacetinho* foi registrada em localidades dispersas situadas no centro, oeste e noroeste do Rio Grande do Sul; já a forma diminutiva *pãozinho francês* foi obtida em entrevistas realizadas em algumas localidades paranaenses e catarinenses. *Pão de trigo* foi registrada somente em Florianópolis; *pão de padeiro* foi mencionada no centro paranaense e norte e oeste catarinense; a forma *pãozinho d'água* foi obtida em um ponto situado no centro e outro no sudeste catarinenses. Como hápax legomena, as variantes *pão cacete* e *pão comum* obtiveram um registro cada uma em São José do Norte, no Rio Grande do Sul e em Porto Alegre, respectivamente. As lexias simples foram agrupadas enquanto *outras*.

As unidades fraseológicas coletadas na pesquisa, seguem, em um cenário geral, os moldes: i) substantivo (*pão* ou *pãozinho*) + adjetivo (*francês*, *comum*); ii) substantivo (*pão* ou *pãozinho*) + preposição DE + substantivo (*d'água*, *de trigo*, *de padeiro*); iii) substantivo (*pão*) + substantivo + morfema -INHO –diminutivo (*cacetinho*) e iv) substantivo (*pão*) + substantivo (*cacete*). A estrutura das UFs seguiu os critérios da composicionalidade, em formas mais ou menos transparentes, sendo possível a pressuposição semântica das expressões, ao ser tomado o sentido global das unidades como a soma das unidades léxicas

---

simples anteriores. Os fenômenos da polissemia e polilexicalidade revelaram-se importantes no processo de codificação e decodificação dessas expressões.

A aliança dos dados geolinguísticos, como base para as análises das unidades fraseológicas mostrou-se produtiva, no sentido de demonstrar a abrangência no seu uso na oralidade. Os dados revelaram ainda que as expressões foram formadas seguindo uma estrutura com uma lógica interna natural, transparecendo a visão da comunidade cultural.

## REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Lara de. *À guisa de uma tipologia para os tabus lingüísticos* – proposta para um glossário, 2007, v.1, (Tese de Doutorado), Programa de pós-graduação em Semiótica e Linguística Geral, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- BIDERMAN, Maria Tereza C. *Teoria linguística: teoria lexical e linguística computacional*. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- CAMARA JR., Joaquim Mattoso. *Estrutura da língua portuguesa*. Petrópolis: Editora Vozes, 2004 [1970].
- CARDOSO, Suzana Alice Marcelino. *Geolinguística: tradição e modernidade*. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.
- CARDOSO, Suzana Alice Marcelino et al. *Atlas Linguístico do Brasil – Vol. 1* (Introdução). Londrina: EDUEL, 2014a.
- CARDOSO, Suzana Alice Marcelino et al. *Atlas Linguístico do Brasil – Vol. 2* (Cartas Linguísticas). Londrina: EDUEL, 2014b.
- COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ATLAS LINGUÍSTICO DO BRASIL. *Questionários*. Londrina: EDUEL, 2001.
- FERREIRA, Carlota; CARDOSO, Suzana Alice M. *A Dialectologia no Brasil*. São Paulo: Contexto, 1994.
- GROSS, M. Une classification des phrases figées du français. In: *Revue québécoise de linguistique*, v. 11, n. 2, 1982, pp. 151-185.
- LEE, Seung-Hwa. *Sobre a formação do diminutivo no Português Brasileiro*. Revista de estudos da linguagem, vol 8, n. 1, 1999, p. 113-124. Disponível em: [<http://www.ai.mit.edu/projects/dm/bp/lee-diminutives.pdf>]. Acesso em: 20 jul. 2018.
- LIMA, Raquel. Por que no Brasil a gente come “pão francês”. *Superinteressante*. 28 nov. 2010. Disponível em: [<https://super.abril.com.br/saude/por-que-no-brasil-a-gente-come-pao-frances/>]. Acesso em: 20 jul. 2018.
- MACIEL, Maria Eunice. Cultura e alimentação ou o que têm a ver os macaquinhos de Koshima com Brillant-Savarin? In: *Revista Horizontes Antropológicos*, vol. 7, n. 16, Porto Alegre, dez. 2001.
- MARTINET, André. *Éléments de linguistique générale*. Paris: Armand Colin, 1980 [1960].

---

MEJRI, Salah. Le figement lexical. *Descriptions linguistiques et structuration sémantique*. Tunísia: Faculté des Lettres de la Manouba, 1997.

MEJRI, Salah. *Le mémoire des séquences figées: une troisième articulation ou la réhabilitation du culturel dans le linguistique*. p. 3-11, 1999. Disponível em: [[http://www.bibliotheque.auf.org/doc\\_num.php?explnum\\_id=799](http://www.bibliotheque.auf.org/doc_num.php?explnum_id=799)]. Acesso em: 5 jun. 2018.

MEJRI, Salah. Traduction, poésie, figement et jeux de mots. *Méta*, n. 45, vol. 3, p. 412-423, 2000.

MEJRI, Salah. Introduction: polysémie et polylexicalité. *Syntaxique et Sémantique*. n. 5, p. 13-30, 2004. Disponível em: [<https://www.cairn.info/revue-syntaxe-et-semantique-2004-1-page-13.htm#no2>]. Acesso em: 15 jun. 2018.

MEJRI, Salah. Polylexicalité, monolexicalité et double articulation; *Cahiers de Lexicologie*. Paris: Éditions Garnier, Laboratoire de linguistique informatique LLI, Paris XIII, n. 89, p. 209-221, 2006.

MEJRI, Salah. La phraséologie française: synthèse et acquis théoriques et descriptifs. MEJRI, Salah. Le français moderne. *Revue de linguistique française*. 86e année, n. 1, 2018, p. 5-32.

SFAR, Inès. *Le Défigement: Procédés et Classements*. Paris: Slides, 2015. 49 slides, colorido.

ORENSTEIN, J. *O surgimento do pão francês no Brasil e o pão na França*. Estadão, São Paulo, jul. 2016. Disponível em: [<http://paladar.estadao.com.br/noticias/comida,o-surgimento-do-pao-frances-no-brasil-e-o-pao-na-franca,10000065379>]. Acesso em: 20 jun. 2018.

RIBEIRO, Darcy. *O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

ULLMANN, Stephen. *Semântica – Uma introdução à ciência do significado*. 5. ed. Tradução de J.A.Osório Mateus. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian. 1987.

YIDA, Vanessa. *O campo semântico da Alimentação e Cozinha no Atlas Linguístico do Brasil (ALiB): um estudo lexical nas capitais*. 2011. 191p. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina.

Nota do editor:

Artigo submetido para avaliação em: 07 de agosto de 2018.

Aprovado em sistema duplo cego em: 27 de setembro de 2018.